

Les territoires de l'attente: migrations et mobilités dans les Amériques (XIX^e e XX^e siècle)

Laurent Vidal et Alain Musset (org.)
Rennes (FR), Presses Universitaires de Rennes, 2015, 304 p.

Por: Sidnei Marco Dornelas*

O tema dos tempos e espaços da “espera” nos deslocamentos da migração é muito pouco abordado e, em geral, relativamente desconhecido. No entanto, está implícito quando tratamos de questões como a dos albergues e campos de refugiados, de acampamentos e ocupações clandestinas, dos congestionamentos urbanos e assentamentos. O grande mérito desse livro é justamente expor esse amplo leque temático, bem como as vertentes inovadoras de conhecimento que se desdobram nos estudos sobre os denominados “territórios da espera”. Trata-se do resultado dos trabalhos articulados feitos por pesquisadores (historiadores, geógrafos e sociólogos), de dimensão internacional e interdisciplinar, reunidos em torno do projeto ARN TERRIAT (cf. <http://terriat.hypotheses.org>).

O modo como os artigos se conjugam no livro demonstra que foram construídos num mútuo e intenso diálogo. Em todos eles, a partir de estudos empíricos, os “territórios da espera” demonstram outro olhar sobre a realidade da mobilidade humana, a partir de um novo paradigma analítico: “tomar o partido de um olhar sobre o vazio (*en creux*), que privilegia a observação das situações liminares, em que se provam os limites da sociedade, do exercício do poder do Estado, e hoje, os limites da modernidade” (p. 7, todas as citações têm traduções minhas). Quanto ao objeto desses estudos empíricos, todos se referem à história e realidade social das Américas, em que a memória oculta das migrações e deslocamentos humanos mostra-se rica em sugestões, daquilo que temos de semelhante e de diferente nesse continente.

Os artigos estudam os “territórios da espera” em suas múltiplas formas, segundo seus diferentes estatutos jurídicos, suas articulações com o entorno espacial e suas temporalidades específicas. No entanto, a visão do todo nunca é perdida, e para tanto os “territórios da espera” são encarados como um autêntico “fato social total”. Os “territórios da espera” são tratados como uma oportunidade para uma compreensão global da sociedade, conjunta e instantânea, por meio

* Comissão Episcopal para a Ação Missionária e Cooperação Intereclesial Grupo de Apoio – Setor Pastoral Mobilidade Humana – Pastorais Sociais CNBB

das situações vividas e analisadas. Entretanto, em meio às dimensões físicas, psíquicas, sociais, econômicas, jurídicas, culturais, geográficas, políticas, aquela que sobressai é a questão do “espaço”. Por isso, uma idéia comum que perpassa todos os textos seria a de que os “territórios da espera designam especificamente os espaços destinados voluntariamente, ou servindo involuntariamente, à realização da espera de pessoas deslocadas ou em deslocamento”. (p. 11)

O livro, com essa múltipla base empírica, permite experimentar um intenso olhar cruzado de várias abordagens analíticas e disciplinares. Em cada uma das partes da publicação, uma temática mais ampla procura abarcar esses campos de abordagem dos “territórios da espera”. Dessa forma, a primeira parte inicia levantando a “genealogia e as questões das situações de espera” (*Généalogie et enjeux des situations d’attente*), e busca dar os contornos desse objeto de estudo, o modo como vem sendo construído, e suas diferentes formas de abordagem.

O primeiro artigo, de Laurent Vidal e Alain Musset, “A espera como estado da mobilidade” (*L’Attente comme état de la mobilité*), faz essa primeira constatação: o objeto “territórios da espera” é construído em referência aos fenômenos de mobilidade e deslocamento. Porém, o paradigma da “espera” aponta para os interstícios da sociedade, os “tempos mortos” da mobilidade, e por isso se serve da “micro-história” e da “micro-geografia”, para analisar esse “entre-dois” que caracterizam as “passagens” nos trajetos da mobilidade. Como um novo paradigma para pensar as sociedades em deslocamento, faz uma distinção entre dois níveis de análise: o “etic”, que se refere à linguagem distanciada dos observadores da “espera”; o “emic” se refere à linguagem dos atores envolvidos nas situações de “espera”. Todos os artigos do livro interagem com esses dois níveis de abordagem dos “territórios da espera”.

O segundo artigo, de Grégory Bériet, Laurent Vidal e Leticia Parente Ribeiro, “As fontes para conhecer a espera” (*Les sources pour connaître l’attente*), trata das fontes para o estudo dos “territórios da espera” seja em seu aspecto histórico como espacial. Considerando os dois níveis citados, o da espera vivida e o da espera pensada, as fontes são diversificadas e múltiplas: a literatura e poesia; a fotografia; a iconografia; os arquivos administrativos de institutos e dispositivos oficiais de “espera”; as entrevistas e depoimentos. De um lado a micro-história, analisando essa multiplicidade de documentos, procura discernir uma história das sensibilidades, daqueles que fizeram a experiência do “tempo” da espera; de outro, a necessária atenção à dimensão espacial dos “territórios da espera”, com sua localização, sua visibilidade, seus aspectos morfológicos e comportamentais, seus ritmos e temporalidades. Desse cruzamento de fontes e disciplinas se busca apreender a “espera” em sua dimensão social.

O terceiro texto aborda as “Percepções da espera: gênero e política” (*Perceptions de l’attente: genre et politique*), de Dominique Vidal e Nancy Green, e estuda justamente as diferentes modalidades em que se pode vivenciar a “espera”. Numa perspectiva de “gênero”, o modo como se vivencia a “espera” sendo mulher, o estudo se apóia em dois estudos de caso: o das mulheres migrantes em

trânsito pelo *Instituto Madre Assunta*, de Tijuana, e o das empregadas domésticas, imigrantes hispano-americanas, do *Centro de Atención ao Migrante*, de Santiago no Chile. A questão do gênero na vivência da “espera” é problematizada politicamente, ao apontar suas implicações na reivindicação de direitos dos migrantes e no reconhecimento da especificidade de sua realidade social.

A segunda parte coloca em foco a própria questão do território: “Quando a espera define o território” (*Quand l’attente définit le territoire*). Nessa parte do livro as atenções se voltam para as maneiras pelas quais a “espera” se impõe como o principal agente organizador das dinâmicas atuantes, desenvolvendo processos que levam à criação de determinados “domínios” da “espera”. O primeiro texto, “Dos lugares da espera aos territórios da espera: outra dimensão existencial do espaço e do tempo?” (*Des lieux d’attente aux territoires de l’attente: une autre dimension existentielle de l’espace et du temps?*), de Paulo Cesar da Costa Gomes e Alain Musset, discute a diferenciação entre “lugares de espera” e “territórios da espera”, para destacar como as relações desenvolvidas nas situações de espera passam a criar territorializações transitórias, voláteis e efêmeras, reorganizando a própria definição e uso do espaço por aqueles que o ocupam.

Ainda na segunda parte, no segundo artigo, “Evolução histórica dos territórios da espera dos migrantes: o caso do Brasil no século XIX” (**Évolution historique des territoires de l’attente des migrants: Le cas du Brésil au XIX^e siècle**), de Maria Isabel de Jesus Chrysostomo e Laurent Vidal, busca fazer uma genealogia das formas de acolhida de migrantes ao longo do século XIX, desde os barcos como depósitos, passando aos albergues organizados em ilhas, até chegar ao modelo consagrado na Hospedaria dos Imigrantes no Bairro do Brás em São Paulo, na virada do século. Pode-se perceber como progressivamente a logística econômica da migração vai determinando um processo de aperfeiçoamento dos procedimentos de controle, registro, higienização e envio dos trabalhadores migrantes e suas famílias para os seus destinos. Essa logística vai condicionar a vivência da espera e a transformação existencial e social dos emigrantes em imigrantes na terra de destino.

O terceiro artigo trata da “Espera dos pobres em duas cidades latino-americanas: México e Santiago do Chile, da esperança à resignação” (*L’attente des pauvres dans deux Villes latino-américaines: Mexico et Santiago Du Chili, de l’espoir à la résignation*), de Ana María Álvarez Rojas e Reyna Sánchez Estévez. O artigo trata da reconfiguração sócio-espacial da pobreza urbana, a partir do caso de duas ocupações ocorridas nos anos 1970 nessas duas cidades, quando da aplicação de políticas engajadas numa dinâmica de interação com organizações populares, e como foram desarticuladas posteriormente, por meio de remoções e reassentamentos urbanos, no quadro de políticas urbanas neo-liberais dos anos 1990. Tais bairros se constituíram então, propriamente, em “sociedades de espera”, pois vivem numa precariedade cotidiana permanente, aguardando uma moradia definitiva.

A terceira parte tem por foco as “Práticas sociais e jogos espaciais nos territórios da espera” (*Pratiques sociales et jeux spatiaux dans les territoires de l’attente*), ao estudar como certas práticas específicas podem se desenvolver em

certos contextos particulares de “espera”, corriqueiramente considerados como sendo um “não-lugar” ou marcados pelo “tempo perdido”. Tais estudos indicam que a “espera” nem sempre se caracteriza por uma atitude passiva, e que o “entre-deux” guarda oportunidades para diferentes tipos de práticas sociais.

O primeiro texto, “Fazer com o espaço, fazer com o tempo. É possível habitar os territórios da espera?” (*Faire avec l’espace, faire avec le temps. Peut-on habiter les territoires de l’attente?*), de Alain Musset, Dominique Vidal e Verônica Correa, discute justamente as situações de “espera” como realidades de interação constante. A partir de indicações de vários sociólogos sobre situações vividas no mundo contemporâneo, considerando a mobilidade das migrações, os deslocamentos no contexto urbano, as instituições que os caracterizam, a configuração de seus espaços, sua vivência cotidiana, busca-se os elementos de uma sociologia dos “territórios da espera”, que considere as práticas sociais que aí se desenvolvem.

Ainda na terceira parte, o segundo texto, “Das quarentenas aos centros de migrantes: estudo das estratégias de espera nos dispositivos biopolíticos (séculos XIX e XX)” (*Des quarantaines au centre pour migrants: étude des stratégies d’attente dans les dispositifs biopolitiques XIX-XXe siècles*), de Grégory Beriet e Ambre Dewaele, servindo-se da conceituação do “bio-poder”, faz um estudo histórico sobre a importância dos procedimentos da “espera” nos dispositivos de higienização dos migrantes em albergues e asilos, nos momentos de trânsito nos deslocamentos migratórios. Destaca a importância do controle dos corpos dos migrantes nos procedimentos sanitários e políticos, por ocasião de sua entrada nos países e regiões de recepção de migrantes, e como de alguma maneira isso ainda resiste nos dias atuais.

O terceiro artigo aborda, no contexto dos deslocamentos urbanos, a “Experiência corporal da espera nos deslocamentos em metrô” (*L’expérience corporelle de l’attente dans les déplacements en métro*), por Luis Campos Medina e Miguel Ángel Aguilar D. Numa perspectiva da micro-sociologia urbana, o texto centra-se nas posturas corporais e na utilização de aparelhos eletrônicos, ao estudar como a “espera” condiciona a morfologia dos espaços e a sensibilidade e comportamento dos agentes que utilizam esse equipamento urbano, o metrô, para se deslocar pela cidade.

A quarta parte trata das “Identidades em questão nos territórios da espera” (*Des identités en question dans les territoires de l’attente*), com estudos que oferecem um esteio empírico para a crítica das concepções essencialistas da identidade, ao evidenciar como as possibilidades de constituição de identidades podem variar conforme as diferentes situações culturais e sociais, sobretudo em realidades em que nada pode ser considerado como estático ou fixo.

O primeiro estudo, “Os territórios da espera como territórios morais” (*Les territoires de l’attente comme territoires moraux*), de Fraya Frende e Dominique Vidal, compara duas experiências etnográficas distintas de situações de “espera”, em duas grandes cidades brasileiras, São Paulo e Rio de Janeiro, junto a um grupo de moradores de rua da Praça da Sé (SP) e um grupo ocasional de empregadas

domésticas no pátio interno do sindicato (RJ). São dois casos em que, de maneira similar, os atores em situação de “espera” constroem sua imagem como pessoas morais num processo de auto-integração social, isto é, se servem de um imaginário moral amplo e integrado, que remete a um repertório social mais largo que a situação e quadro geográfico-institucional em que se encontram.

O segundo estudo da quarta parte, “Quando a literatura questiona as identidades dos homens a espera – dois romances sobre os deslocados da seca no Brasil” (*Quand La littérature questionne les identités des hommes en attente – deux romans sur les déplacés de La sécheresse au Brésil*), de Raimundo Arrais e Laurent Vidal, estuda as mudanças identitárias nos personagens dos romances “O Quinze”, de Raquel de Queiroz, e “Seara Vermelha”, de Jorge Amado. O que se destaca são as transformações psicológicas e sociais provocadas no processo de deslocamento e de “espera” nos campos de flagelados na década de 1930, associados à expectativa da migração para os centros urbanos no Sudeste do país ou para a Amazônia.

O terceiro artigo estuda a “Espera como recurso: os vendedores ambulantes do Rio de Janeiro e de Tijuana” (*L’attente comme ressource: les vendeurs ambulants de Rio de Janeiro et de Tijuana*) de Leticia Parente Ribeiro e Alain Musset. Coloca em foco duas situações similares de interrupção de tráfico urbano: a da via expressa “amarela” que liga os bairros periféricos do Rio de Janeiro ao centro da cidade, e aquela criada pelos postos fronteiriços entre Estados Unidos e México, na cidade de Tijuana. Em ambos os casos, surgem “territórios da espera” da interação de fugazes práticas comerciais durante um determinado período de tempo (enquanto dura o congestionamento), e por consequência, todo um micro-cosmo social com suas identidades demarcadas.

A quinta e última parte tem por objeto a “Memória, patrimônio e musealização dos territórios da espera” (*Mémoire, patrimoine et muséalisation des territoires de l’attente*), que compreende estudos sobre o fenômeno da patrimonialização da memória das migrações, que paradoxalmente se serve de registros das instituições ligadas à “espera” e tempos de trânsito dentro do espectro amplo da mobilidade humana.

O primeiro artigo estuda justamente a “Memória, patrimônio e musealização dos territórios da espera na América do Norte” (*Mémoire, patrimoine et muséalisation des territoires de l’attente en Amérique du Nord*), de Didier Poton e Yves Bergeron, fazendo um levantamento da criação de instituições dedicadas a fazer a memória das migrações nos Estados Unidos e Canadá. Dentro desse contexto em que emergem iniciativas de resgate de relatos individuais e coletivos da memória histórica e étnica dos movimentos migratórios na América do Norte, ocupa um lugar central a criação de instituições como centros de memória e museus, que ao lado da coleta de histórias de vida, de registros iconográficos e fotográficos, serve-se amplamente dos registros das antigas instituições de albergamento e triagem dos migrantes. A memória dos tempos e lugares da “espera” é aquela que fornece a maior parte dos registros memorialísticos.

Paradoxalmente, também as antigas estruturas físicas (os prédios) dessas antigas instituições abrigam parte considerável desses museus e centros de memória.

O segundo artigo, “Literatura e memória dos territórios da espera” (*Littérature et mémoire des territoires de l’attente*), de Micéala Symington e Jean Bessière, procura fazer uma tipologia da literatura da “espera” em relação aos movimentos migratórios, seja por meio dos vários tipos de relatos (pequenas histórias, anotações, relatos de passagem pelas fronteiras, romances), seja pelas formas de representação da espera, nas formas temporais, na descrição do espaço, na designação da alteridade.

O último texto da quinta parte, “Visualizar os territórios da espera: o caso de Luis de Boccard” (*Visualiser les territoires de l’attente: le cas Louis de Boccard*), de Diego Jarak e Mariana Giordano, coloca em questão o uso da fotografia para registrar os tempos dos “territórios da espera”. Esse estudo se reporta à importância dos relatos de viajantes e naturalistas do século XIX na descrição do território das Américas. Louis Boccard é um desses derradeiros viajantes naturalistas que procuraram descrever os povos e paisagens da América Latina, detendo-se, sobretudo, sobre na região de Misiones na Argentina, o Chaco paraguaio, e regiões que hoje correspondem ao Mato Grosso Sul. A composição do “corpus” fotográfico de sua obra, do início do século XX, permitiu uma visão privilegiada do imaginário etno-cartográfico da época, com seu olhar colonialista. Da composição de seus álbuns se pode analisar uma determinada concepção de “espera” aplicada aos povos colonizados das Américas, sobretudo os povos indígenas, imaginados como a “espera” da chegada da modernidade européia.

Sem dúvida, esse livro articula de forma brilhante um conjunto amplo de estudos empíricos com diversos olhares de abordagem teórica, em torno de um enfoque geralmente desconsiderado: os tempos, lugares e “territórios da espera”. Tudo isso sem fechar o debate ou dar por definitivo o entendimento dos casos estudados, ao contrário, abrindo um vasto campo para aprofundamento e descobertas em vários sentidos.

Essa postura, que procura ressaltar a fecundidade de seu objeto de estudo, e também com sua abertura pedagógica e epistemológica, pode ser atestada sob dois aspectos. De um lado, todo o livro está repleto de quadros (*encadrés*) com a exemplificação de outros estudos de caso, em particular da realidade brasileira, que ajudam a entender a perspectiva da “espera” como uma chave de leitura para a compreensão das transformações sociais e históricas da América Latina, por meio da mobilidade humana. De outro, pela elaboração de uma sintética “conclusão geral”, por Laurent Vidal, que busca apresentar de forma sucinta as principais teses estudadas nesse conjunto articulado de artigos: “Os territórios da espera em 10 pontos” (*Les territoires de l’attente en 10 points*).

Enfim, muito mais que uma simples coletânea de artigos, esse livro apresenta um instigante laboratório de estudos inovadores sobre a mobilidade humana, articulando o “micro” ao “macro”, sob diferentes olhares, como um “fato social total”.